de comidas, de manifestações culturais, etc.

O trabalho com as novas produções de linguagem é uma das propostas da BNCC a fim de fomentar o espaço da diversidade cultural em sala de aula, criando o senso de pertencimento e ampliando os conceitos do que é objeto de estudo, já que novas ferramentas serão utilizadas para além do que é tradicional e canonizado. Nesse sentido, a utilização do multiletramento prepara os alunos para transitarem por entre os diversos espaços e situações do mundo globalizado, já que na sociedade moderna em que se vive, as várias maneiras de interagir demandam flexibilidade cultural e de linguagem.

REFERÊNCIAS

ANACLETO, Ú. C.; MIRANDA, J. D. O. Multiletramentos e práticas de leitura, escrita e oralidade no ensino de língua portuguesa na educação básica.

Pontos de Interrogação, v. 6, n. 2, p. 67-80, 2016. Disponível em:

https://www.revistas.uneb.br/index.php/ pontosdeint/article/view/3295/0. Acesso em: 28 out. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Base nacional comum curricular. Brasília, DF, 2018. Disponível em:

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf. Acesso em: 01 nov. 2021.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: ARTE. Brasília: MEC/SEF, 1997.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KLEIMAN, A. B. Trajetórias de acesso ao mundo da escrita: relevância das práticas não escolares de letramento para o letramento escolar. Perspectiva, Florianópolis, v.28, n. 2, 375-400, jul/dez. 2010. Disponível em:

http://periodicos.ufsc.br/index.phd/perspectiva/article/view/2175-795X-2010v28n2p37 5. v. 28, n. 2 (2010). Acesso em 29 nov. 2021.

ROJO, R.; ALMEIDA, E. M. (org.). Multiletramentos na escola. São Paulo:

Parábola, 2012.

SILVA, M. J. A.; BRANDIM, M.R. L. Multiculturalismo e Educação: em defesa da diversidade cultural. Diversa. Ano I.

JOGAR E CONVIVER COM AS DIFERENÇAS

EDERLI MIGLIORI BUSTAMANTE CERON

Resumo

Nesta pesquisa, irei entender o jogo como uma auxilio para a conscientização dos envolvidos, nesta comunidade. Trabalharemos com jogos nas aulas de Educação Física, no ensino Fundamental I e II. Este ocorrera em uma escola na rede Municipal de Educação de São Paulo. Acredita-se que desta forma, atingiremos uma grande parte dos envolvidos dentro das aulas.Desta forma, poderá ser identificada as mudanças de comportamento uns com os outros.

Palavras chaves: Jogo, Educação, Sociedade, Conviver e Respeitar.

1 Introdução

Há alguns anos encontramos no cenário da Educação Física um debate na tentativa de encontrar um objetivo e assim explicar a razão de existir dentro e fora da escola.

Aqui neste projeto será apontado a visão e o objetivo da Educação Física dentro da Educação Municipal de São Paulo. A diretriz deste projeto, será as Orientações Curriculares de Educação Física da Secretária Municipal de Educação de São Paulo.

Este documento apresenta os momentos históricos mais importantes ocorridos na área de Educação Física, alguns pontos do cenário da década de 80. Para depois conceituar a abordagem, que seus autores entenderam ser a mais completa para ser trabalhada dentro da Educação Física Escolar.

Desta forma, segundo as Orientações Curriculares a Educação Física Escolar é entendida, em seu âmbito social, responsável por trazer e proporcionar as mais diversas experiências dentro da escola, afim de levar a uma reflexão pedagógica sobre as diferentes formas de representações vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas.

Por tanto, quando a mesma é analisada na perspectiva cultural, tem como objetivo principal a consideração do contexto sociocultural que a comunidade escolar esta inserida, e a partir das diferenças de saberes culturais construídos pelos alunos fora da escola desenvolver nestes envolvidos a semelhança e igualdade. Não só pensando em práticas corporais, mas sim em todos os códigos culturais construídos seja eles, na família, no bairro, na cidade, urbana, rural, no país e etc. mostrando e valorizando as diferenças e semelhanças, e acima de tudo a importância de cada um deles, ser como são, desta forma promovendo o debate coletivo sobre o que cada um traz de novo, para dividir conhecimentos e assim tentar formar um ser mais completo.

Tentarei trazer algumas contribuições sobre o tema cultura, para depois iniciar a minha proposta de jogos, mas precisaremos entender de cultura e jogos, para assim firmar minha proposta de trabalho. Nesta busca por autores que tratasse de cultura, me deparei com Marcos Garcia Neira e Mário Luiz Ferrari Nunes, que em um de seus livros traz várias concepções de cultura.

Ouvi desde a graduação que todos tem cultura, seja burguês ou proletário, pois o homem é que produz cultura. Mas, o que é realmente cultura? Então vamos a nossa breve contribuição.

Voltando um pouco no tempo, encontramos o significado em latim que cultura estava ligada a cuidar a produzir, logo aqui é ligada ao trabalho produtivo, Neira & Nunes (2008). Continuando nessa leitura, me deparo com várias interpretações e definições sobre cultura, isto me chamou a atenção, pois na realidade conforme passam os anos as interpretações mudam, logo não conseguimos chegar apenas uma definição pois ao longo da história da humanidade a cultura esta presente, ora com um significado seja este

como um ser culto, de saberes ou de sentir-se belo e cultuar o corpo, ou até mesmo segundo os PCN, cultura são códigos de determinados grupos nas quais quem esta de fora não consegue compreender a cultura deste ou aquele grupo social (apud NEIRA & NUNES, 2008, p. 23).

Para tanto, pode-se dizer que a cultura e o homem são dependentes um do outro, e não existe seres humanos sem valores ou cultura, pois o grupo social que vive é que vai ditar a sua cultura, ou seja uma família japonesa e uma família judia todos vão ter cultura mas diferentes entre si, alguns pontos podem ser parecidos mas não serão iguais.

É com essas diferenças que os educadores e alunos convive dentro do espaço escolar, e muitas vezes não entendidos, pelos colegas e pelos próprios professores. Pois não é lhe dado o direito de partilhar suas crenças e costumes com todos para assim conseguir o respeito e entendimento de seu modo de viver. Este é o grande desafio partilhar para conviver, entender, respeitar e ser tratado com igualdade.

Já dizia Clifford Geertz, "[...]para o sucesso de uma abordagem interpretativa da cultura, é necessário apoiar-se no ponto de vista dos representantes daquela cultura.[...]" (apud NEIRA & NUNES, 2008, p.39), pois para quem não esta inserido naquele contexto social cheios de códigos e símbolos, podem ter uma interpretação erronia e muitas vezes preconceituosa não entendendo os valores daquele grupo.

Entenderei a cultura neste trabalho, como códigos criados e transformados pelos grupos sociais nos quais os indivíduos fazem partes. Trazendo ao conhecimentos de todos o ponto de vista e as particularidades de cada grupo com as interpretações dos membros desta cultura.

Desta forma, irei utilizar os jogos, partindo do principio de que é preciso conviver e partilhar para entender e respeitar. Mas, primeiro irei conceituar jogo, já que falamos sobre códigos criados e transformados na cultura, no jogo também tem seus códigos criados a partir de seus participantes, as vezes nem entendemos ao olhar uma partida de fora, assim o jogo é um fator cultural e social.

O jogo já foi pensado, investigado e realizado vários trabalhos para entende-lo, em alguns houve a tentativa de definir o que é jogo. Porém, existem muitos estudos de autores distintos, e todos dizem que é muito complexo definir o que é jogo, e, dificilmente abriremos um livro e veremos uma leitura, dizendo isto aqui é jogo. Podemos até ver alguma leitura dizendo o que é jogo, porém este tem uma variável de elementos, tornando nossa leitura e entendimento muito difícil, pois o mesmo é rico em complexidade.

Iniciarei a contribuição com Johan Huizinga (2000), que nos mostra que o jogo é um fenômeno muito mais antigo do que possamos imaginar, ele sempre esteve presente na vida humana e animal, desde a sociedade primitiva. O jogo para Huizinga (2000) é cultural, e nenhum ser, seja ele humano ou animal precisa ser iniciado, todos jogam o seu jogo desde pequenos, sem mesmo saberem que estão jogando.

Percebe-se ainda, com a contribuição de Huizinga (2000), que o jogo é rico de significados não só culturais mas também sociais, logo não podemos apenas dizer que é uma válvula de escape para sociedade moderna, mesmo que aconteça nos nossos momentos de ócio, ou de não trabalho. É um momento, cuja, a realidade dos jogadores passa a ser o próprio jogo, estes ficam nitidamente absolvidos, em profundo "estado de lúdico", no qual, se projeta em um mundo só deles, com regras diferentes da sociedade civil, vive um momento de profunda satisfação, seja adulto ou criança.

Dentro do contexto de que o jogo absolve o jogador, transportando-o para um mundo de faz de conta, seja, em um jogo de futebol na qual seus participantes são adultos, e quando faz um gol, imita um jogador famoso, ou em uma brincadeira de bonecas, ou de carrinhos, todos entram em seu próprio jogo lúdico, logo nos faz pensar que o jogo não é biológico, e sim cultural e social.

Seria cômodo demais, dizer que o jogo é biológico, pois nos estudos mostram que o jogo é diversificado e profundo, e, existem muitos elementos presentes no jogo que são fatores sociais e culturais, podemos dizer que o jogo é construído de acordo com seu grupo de jogadores, pode ser uma queimada, mas as regras vão depender do grupo envolvido.

Conforme Huizinga (2000), "[...] o jogo é mais do que um fenômeno fisiológico ou um reflexo psicológico.[...]", este olhar para o jogo como fenômeno cultural, nos mostra a diversidade de significados do jogo, para um grupo que esta envolvido no jogo em um determinado local, e o mesmo jogo com outro grupo terá outros significados, mas os dois grupos trataram com seriedade e importância a partida jogada.

Para entender melhor o jogo, buscamos outras leituras, logo no início uma frase de João Batista Freire (apud SCAGLIA, ALCIDES, 2005, p.37), "o ato de jogar revela o próprio jogo", entendemos que o jogo vai além de situações específicas e comum para nós, mas com inúmeros sentidos para sua definição.

No aprofundamento dessa leitura, nos deparamos como é complicado e complexo definir o que é jogo, porque esta denominação de jogo dá-se a variedade de atividades, seja simbólica, cognitiva ou motor. E a complexidade de se definir o que é jogo ou não, aumenta ainda mais quando observamos o que é jogo, por exemplo: uma partida de dama, um gato brincando com uma bola lã, uma partida de voleibol e uma criança brincando de boneca, tudo é jogo, mas quando se percebe que um mesmo comportamento pode ser visto como jogo ou não, percebemos como é complexo definir exatamente o jogo (KISHIMOTO, apud SCAGLIA, ALCIDES, 2005, p. 38).

Ao longo da leitura encontrei uma contribuição que acaba reforçando a ideia de dificuldade de definição de jogo, para Roger Caillois, o jogo é:

A heterogeneidade dos elementos estudados sob o nome de jogos é tão grande, que se é levado a supor que a palavra jogo não passa de um mero ardil que, pela sua enganadora generalidade, alimenta firmes ilusões acerca da suposta

familiaridade de condutas diversificadas (CAILLOIS, apud FREIRE, 2005, p. 44).

Diante deste contexto de complexidade, procuraremos analisar neste estudo o jogo de uma forma cultural e social, porém não esqueceremos das partes e do todo do jogo.

O jogo é muito importante na vida humana e em sua construção ao longo dos anos, pois dentro do jogo sempre temos valores, regras, objetivos e outros aspectos essenciais para uma vida fora dele. E não podemos esquecer as várias possibilidades de desenvolvimento humano, que o jogo nos proporciona, estes são: o desenvolvimento da linguagem, físico-motor, cognitivo, afetivo e moral, segundo Fábio Otuzzi Brotto (2006).

2 Proposta de Trabalho: Jogar e Conviver com as Diferenças

Depois de todos os estudos, sobre jogo e cultura, fica claro que não será fácil trabalhar com esta proposta, e atingir um resultado positivo com jogos, pois será preciso tomar cuidado para não causar danos irreversíveis nos envolvidos, tem que saber que tipo de jogo pode proporcionar o desenvolvimento positivo e não o negativo.

Partindo desse contexto, minha proposta é de trabalhar com jogos, com a finalidade de proporcionar no grupo envolvido uma maior compreensão da vida real, mostrar para eles que podem agir e viver de forma diferente da atual. Basta ter vontade e persistência, entendo que não deve ser fácil agir com compreensão em um lugar na qual a sua maioria só trata o próximo com violência, esperteza e sempre vendo vantagem em destruir e ridicularizar o próximo.

A escolha por aplicar os jogos, é pela razão de uma melhoria na aprendizagem, e mostrar a importância de ter o outro para jogar junto, pois sozinhos não chegamos a lugar algum.

Com tudo, não fácil utilizar os jogos em uma sociedade competitiva, e mais, transformar um grupo acostumado em ganhar e excluir, para ter um time forte priorizam apenas quem se destaca, isto não é somente no jogo, mas na vida.

Para a escolha de amigos por exemplo, não é levado em consideração o que este ser humano pode contribuir para seu crescimento com a troca de experiências e valores, mas muitos preferem ser e ter amigos que para conseguir o que querem não medem esforços, mesmo que custe a vida de uma pessoa. Enfim, querer uma sociedade mais humana e menos máquina, não é tão ruim.

Esta opção de propor os jogos hoje nesta sociedade tão pouco humana, é uma grande oportunidade e um gás a mais para minha profissão de educador, já que estamos o tempo todo lhe dando com o desrespeito ao próximo como se fosse normal, para muitos o outro não tem o reconhecimento nem de ser vivo, quanto mais de ser humano e seu reflexo.

A visão encontrada neste jogo, como em qualquer outro jogo ou esporte, é de conseguir ir além das linhas da quadra, assim existem dois modos que acredito que trazemos da vida para o jogo e que podemos levar do jogo para a vida, uma é se eu vejo o mundo com poucas oportunidades e muitas pessoas disputan-

do, acaba-se agindo com exclusão e individualismo o "eu" é mais importante que o "todos", logo se vejo o ambiente como um espaço onde todos tem oportunidade desde que compartilhamos uns com os outros, trabalho com a inclusão dessa forma desenvolvo a parceria e confiança e todos ganham (BROTTO, 2006).

Na cooperação o que importa é a convivência, consciência e transcendência, tudo que já foi dito anteriormente, viver compartilhando o contexto , cumplicidade entre os envolvidos e dialogar para decidir em consenso, tentando sempre melhorar o ser humano para este melhorar o seu convívio social.

Questiona-se como fazer este trabalho, para quem acredita não é fácil mas possível de ser realizado, com muita paciência e perseverança pois o grupo envolvido não está acostumado a dividir, cooperar, respeitar, incluir e dialogar, mas sim de gritar, excluir, agredir verbalmente e fisicamente, competir, o ganhador individual e não coletivo.

Será um desafio, pois em sua maioria não estão acostumados a dividir e respeitar o ser humano com sua diferenças, e sim de excluir, humilhar e valorizar a agressão, para ser respeitado tem que bater e não dialogar.

Acredita-se que com a proposta e o passar do tempo eles entendam outros modos de viver e possam melhorar suas escolhas e condutas. Levando para sua vida social uma melhoria em seu modo de agir, entender o próximo, o mundo e aceitando e compartilhando um mundo de diferenças mas com respeito de todos.

Pretende-se que os envolvidos no projeto adquiram, respeito e valorização das diferenças e reconhecimento da importância do coletivo.

Espera-se que ao final e durante o projeto, os envolvidos consigam compartilhar para incluir, dialogar para resolver conflitos e tenham respeito mútuo tentando inibir a agressividade.

3 Cronograma

Estas intervenções serão feitas dentro das aulas de Educação Física, sendo que para o fundamental II serão três vezes por semana e para o Fundamental I serão duas vezes por semana.

No final de cada aula quando possível, faremos uma roda para avaliar a proposta da aula, e o que aconteceu durante a aula, avaliando também a participação de todos e a conduta desenvolvida durante a atividade.

A duração desta proposta será de um ano, seguindo o calendário escolar desta unidade. Podendo ser prorrogado por mais um ou dois anos, estendendo o trabalho de forma a atender todos os alunos e obter um resultado final mais próximo, senão o desejado.

Iniciarei os trabalhos com jogos semi cooperativos, para apresentar os jogos para o grupo e fazer uma breve explicação do que é cooperação, e quanto é importante para a vida e para o desenvolvimento humano ser entendido e aceito na vida social do grupo que esta inserido.

Desta forma, a planilha de atividades será apresentada semestralmente para uma melhor compreensão e distribuição dos conteúdos. Segue a primeira

planilha:

Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho
Férias escolares	Espaguete humano	Rebate e corre	Levando a bola	Um time "zoando" (jogo de inversão)	Jogos escolares cooperativos (A competição)
---------- ..	Peixes pra pescar	Rebatida	Volei up	Para e vai	Afetuoso
---------- ..	Golfinhos e sardinhas	Queimada invertida	Pinga a bola	Cabeçobol	Basquetebol
planejamento	Navegar é (im)possivel para todos	Queimada com os pés	Volencol	Corredor	Voleibol

As atividades foram apresentadas ao grupo e trabalhadas durante o semestre, apareceram nas aulas algumas dificuldades e resistência por parte de alguns alunos, pois não sabem cooperar e sim competir.

No final de cada mês, haverá uma roda de conversa para uma melhor avaliação, usaremos recursos de filmagens nas aulas para que possamos nos avaliarmos melhor, e termos parâmetros para saber se o resultado é satisfatório, e onde as aulas precisam melhorar e que cada um faça uma auto avaliação.

Veremos a seguir a tabela do segundo semestre e as atividades que serão propostas:

Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Férias	Pega-pega com bexigas	Pare!	Pontadas humano	Jogos de cooperação: handebol	Caça ao tesouro II
Férias	Bolão balão	Acerta pé	Cabeçobol	Xadrez	Futebol (cooperação), avaliação do semestre.
Nunca três	Balão na colher	Pano	Dança das cadeiras cooperativas	Tênis de mesa	Recesso escolar
Pega-pega corrente	Três bolinhe	O pulo de bola	Caça ao tesouro I	Bolinha de gude	Recesso escolar

Neste semestre espera-se que, os mesmos se envolvam cada vez mais com o projeto e as atividades propostas, adotando atitudes de respeito e valorização ao outro.

Durante as aulas serão priorizado o dialogo entre as partes envolvidas, após as atividades haverá uma roda para todos colocar o que acharão da atividade feita, e no final do mês avaliação do projeto, dos envolvidos e auto avaliação. Sempre com os vídeos das aulas.

Os materiais que será utilizados durante as atividades são todos da escola.

4 Estratégia

Será realizada dentro do período escolar dos participantes, em suas aulas de Educação Física com o intuito de atingir o maior número de crianças e adolescentes desta comunidade, para assim amenizar a agressividade entre as partes.

Irá começar com aulas de conscientização utilizando de equipamentos de áudio visual, para apresentar a proposta de trabalho para o ano, e ouvir o que os mesmo tem a dizer. Utilizarei de aulas expositivas e dialogadas, para explicar e tentar fazer entender sobre os jogos cooperativos, e, como podemos melhorar a convivência com os outros e despertar o respeito mútuo.

Será feita aulas práticas na quadra e pátios, trabalharemos em grupos ou duplas, no primeiro momento deixarei livre para que eles escolham e ao decorrer do projeto faremos grupos diferentes. Formaremos por mês de nascimento, afinida-

des, habilidades e por ano de nascimento, cor da roupa e etc.

Os recursos que vou precisar será apenas os materiais e premiação para o caça ao tesouro, e serão de responsabilidade da escola. Os materiais necessário para a realização das aulas tem na Unidade Escolar, se precisar utilizarei recursos próprios.

5 Conclusão

Esta proposta de jogos, foi escolhida por acreditar que através dos jogos as pessoas se transportam para um mundo imaginário na qual, muitas vezes, estes respeitam as regras do jogo.

Sendo uma comunidade que sofre com a pobreza em todos os aspectos, e com violência seja na rua ou na própria residência, muitos acabam agindo o tempo todo sem respeito e com agressividade com todos que estão em sua volta, pois para estes é comum tratar e ser tratado desta forma.

Respeito para esta comunidade não é dialogar, conviver e aceitar as pessoas com erros, acertos e sua diferenças, para estes o respeito está ligado a violência, em vez de conversa, agressão física e verbal.

Acredita-se que com os jogos estes possam ter grandes mudanças, desde de um dialogo ao invés de agressão, até mesmo um modo de vida mais evolutivo. Pautada no respeito ao outro, ao mundo, a si próprio e reconhecendo e valorizando as diferenças entre as pessoas.

Partindo do principio de que os jogos cooperativos tem como característica conviver, partilhar, respeitar e valorizar as trocas entre as pessoas para assim conseguir superar os conflitos e objetivos juntos e não só, já dizia Brotto (2006, p. 59) "ninguém joga ou vive sozinho.[...]".

Diante deste contexto, os jogos é a parte mais vislumbrada por estas crianças, é um momento na qual esquecem um pouco quem são e o seu mundo real, passam a ser outras pessoas em seu imaginário, conseqüentemente acabam esquecendo do seu contexto social real, este fica cada vez mais distante durante o jogo.

Porém, jogam como vivem, excluem os diferentes respeitam os valentões e resolvem seus conflitos com agressão física. Aqui, entra cada vez mais a proposta de aprender a viver com os outros, mostrar que não podemos viver sozinhos, isolados e muito menos jogar sozinho precisamos do outro para haver jogo, logo se não o respeito quanto ser humano com limitações reais e comum a todos não poderá haver jogo.

Brotto completa a ideia de que não podemos, viver sozinho e desrespeitando as diferenças,

Aprendendo a jogar dentro do Estilo Cooperativo desfazemos a ilusão de sermos separados e isolados uns dos outros e percebemos o quanto é bom e importante ser a gente mesmo, respeitar a singularidade do outro e compartilhar caminhos para o bem - estar comum (BROTTO, 2006, p. 60).

Sendo assim, este trabalho é de grande relevância para a área e principalmente para esta comunidade que esta sendo foco de trabalho. Por acreditar que possa melhorar a vida destes se os mes-

mos não persistirem em resistir ao novo, ao respeito as diferenças e passem a valorizar a vida e o ser humano com suas singularidades, e não apenas os parecidos e violentos.

Conforme foi dito, acredita-se que por meio dos jogos possamos desenvolver as habilidades humanas, e não apenas medir rendimento, contar pontos e excluir os menos habilidosos e ganhar só.

Precisa-se de pessoas mais humanas nesta nossa sociedade moderna capitalista, na qual o que é importante e valorizado é o dinheiro, a roupa de marca, o tênis que usa, o carro que anda, e muitos não medem esforços para obter uma vida cheia de objetos valiosos e uma vida vazia de significados e de habilidades humanas, se torna homem-máquina pois não pensam reproduzem apenas o que o sistema rotulam neles.

Desta forma, é preciso trazer formações diferenciadas a estas crianças e adolescentes, para assim libertarem-se destes paradigmas, de que eles não podem mudar a trajetória de suas vidas. Mas, precisam sentir-se capazes de mudar, aceitando as novas propostas por pessoas que acreditam nas mudanças de vida delas, que não será fácil viver em meio a violência e agir de forma diferente.

Assim, pode-se dizer que os jogos cooperativos é um aliado muito forte, pois não será evidenciado o rendimento, o resultado final e individual mesmo sendo jogo e esporte coletivo, será enfatizado o ser humano, tentando proporcionar a eles um novo olhar para o jogo esporte e o jogo da vida.

Desta forma, acredita-se que as dificuldades e diferenças da vida social possa ser amenizada e quem sabe transformada em uma nova vida, cheia de respeito, valorização a si mesmo e aos outros, uma vida compartilhada com objetivos as vezes comum ora diferentes mas com respeito e união todos conseguiram superar e conquistar os objetivos.

Sabe-se que é um trabalho difícil e lento, e que os jogos não são a salvação de tudo e sim apenas um meio para deixar um pequena reflexão, porém com persistência, e muita paciência conseguiremos deixar uma semente nesta comunidade, que será regada dia-a-dia para não ser pega pelas armadilhas que seu meio oferece. Por meio deste projeto, nos conheceremos mais e saberemos muito uns dos outros, mesmo o educador saberá muito desta comunidade que esta inserido o seu trabalho.

Nesta troca constante criam-se vínculos de confiança, respeito e quando enxergam que são valorizados e respeitados passam a acreditar e confiar no que diz a eles, mas isto vai acontecer naturalmente e não será fácil.

Referências

BROTTO, F. O. Jogos Cooperativos: O jogo e o Esporte como um exercício de Convivência, 3º ed. Santos: Projeto Cooperação, 2006.

DEACOVE, J. Manual de Jogos Cooperativos, 2º ed. Santos: Projeto Cooperação, 2004.

FREIRE, J. B. O Jogo: Entre o Riso e o Choro, 2º ed. Campinas: Autores Associados, 2005.